CONIC SEMESP

22º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: A REPRESENTAÇÃO QUILOMBOLA NA MÍDIA

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

SUBÁREA: Comunicação Social

INSTITUIÇÃO: CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO - FEBASP

AUTOR(ES): CAROLINE DE CARVALHO SANTOS SOUZA

ORIENTADOR(ES): JOSE RONALDO ALONSO MATHIAS

Realização: SEMESP

IES parceiras: UNISANTA, Universidade Anhembi Morumbi, ecossistema ânima, PUCPR GRUPO MARISTA

1. RESUMO

O artigo traça um paralelo entre o passado escravocrata brasileiro a partir do século XVI, com a vivência quilombola no século XXI. Para o desenvolvimento, foram estudadas várias questões sócio-linguísticas, como a origem da palavra e do local Quilombo, relatando uma linha do tempo até sua chegada ao Brasil. Ainda quanto à linguística, foram desenvolvidos a fundo o conceito de representação e representatividade, especialmente relacionado as questões raciais brasileiras e as pessoas negras. Ademais, a legislação brasileira quanto à proteção da população negra se mostrou extremamente útil durante o estudo, mostrando que a falta de representação também está presente no painel geral da sociedade legislativa. Por meio da análise de conteúdo das redes sociais de comunidades reminescentes quilombolas brasileiras, foi estudada a utilização das redes sociais para a representação dessas comunidades, entendendo como as mídias digitais podem auxiliar de forma positiva o processo de etnografia de grupos minorizados, uma vez que há falha na representatividade em outras esferas.

2. INTRODUÇÃO

O trabalho é importante em três principais aspectos: destacar a mídia alternativa como o local em que vozes oprimidas podem ter espaço de fala; trazer à tona que a história brasileira ainda vive, e que os povos quilombolas não fazem somente parte do passado, mas do presente; e demonstrar por meio da análise de conteúdo como as mídias sociais auxiliam na disseminação de informações.

3. OBJETIVOS

Objetivo geral:
Colaborar para disseminação de conhecimento da história dos povos negros e quilombolas brasileiros, por meio das ferramentas de comunicações contemporâneas.

Objetivos específicos:

- Analisar os meios de comunicação utilizados pelas comunidades quilombolas
- Compreender, em geral, a relação da história pós escravização com a vivência quilombola no século XXI
- Entender a importância da mídia alternativa para os grupos minorizados

4. METODOLOGIA

A metodologia utilizada no trabalho foi a qualitativa, tendo como base de investigação a linguística e a análise de conteúdo, especialmente focadas em uma análise racial dos dados coletados.

5. DESENVOLVIMENTO

1. ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO

Compreender a história brasileira é saber que essa história é envolta de diversos povos. Entre eles, os povos originários do continente africano, violentamente arrancados de seus locais de origem pelo processo de escravização. Assim, não é raro descobrir palavras na língua portuguesa que sejam, na verdade, originárias de outras línguas, e que possuem todo um contexto social por trás delas.

A palavra "Quilombo" é um exemplo de palavra que carrega uma forte história. Comprovada com sua origem vinda dos povos de língua bantu, o termo chegou até o Brasil por conta dos povos falantes da língua que foram sequestrados de seus locais de habitação e forçosamente trazidos em longas viagens sob condições sub-humanas através do Oceano Atlântico para exercer trabalho escravizado[1] a partir do século XVI.

A história da palavra dentro do continente africano é extensa, e enquanto mais tarde fora comprovada como de língua bantu, perpassou diversos povos e conflitos até ser estabelecida (MUNANGA, 1996). Durante a longa jornada, várias vidas eram perdidas durante o caminho por conta das insalubres condições dos navios. Aos que chegavam em terras brasileiras, uma vida nada melhor os aguardava: a escravização. Tais viagens são exemplificadas no extrato da quarta parte do poema Navio Negreiro de Castro Alves (1847 – 1871):

"E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos...o chicote estala.
E voam mais e mais...
Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!" (ALVES, 1870)

O poema dividido em seis partes fala da viagem de um navio negreiro, desde a sua saída até a chegada ao local de escravização. No trecho destacado, o autor fala da crueldade

[1] O uso do termo escravizado ao invés de escravo neste artigo foi escolhido após o entendimento da questão sociolinguística de que escravo é uma condição inerente a pessoa. Já a palavra escravizado remete a quando um corpo é submetido e forçado à escravização, e traz um sentido mais político..

dos escravizadores no navio. A população, já faminta e delirando pela situação de viagem, é sujeita a chicoteadas. Sob essas condições que os povos do continente africano foram trazidos através do oceano.

Quando chegavam em terras sul-americanas e viam as condições de vida que lhes aguardavam, muitos escravizados viam a fuga como a melhor saída. Os engenhos e fazendas, onde os escravizados eram alocados, sendo em maior parte rodeados por matas, muitas vezes era a única opção de uma vida sem violência – chibatadas, torturas, humilhação, estupros... O Engenho São Jorge dos Erasmos, localizado na Capitania de São Vicente - hoje as cidades de Santos e São Vicente – é datado nos anos de 1534. É um exemplo de engenho localizado na região de Mata Atlântica, uma vegetação cerrada, e de morros; alguns escravizados que fugiam do local conseguiam se esconder em busca de outros caminhos de vida.

A realidade, no entanto, não era a mesma para todos que fugiam, já que os capatazes dos senhores de engenhos também conheciam as matas e conseguiam capturá-los novamente. Por isso, as fugas coletivas eram preferíveis, pois cada um dos escravizados ia para um lado, dificultando o foco de captura. Os quilombos, assim, eram os locais de destino para os fugitivos da escravização. Embora seja comum a percepção que somente os escravizados negros constituíam a organização, o quilombo vai além disso. De acordo com Munanga (1995, p.63) “Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos)”.

Assim, formados pelos fugitivos, o quilombo como local físico é onde as minorias vítimas da escravização encontravam abrigo e sustento de vida após fugirem das condições sub-humanas a qual eram impostos. Ao serem atacados, os quilombolas – nome dos viventes da sociedade - se organizavam juntos por uma saída e coordenavam ataques, muitas vezes com sucesso. Para a sobrevivência, utilizavam do sistema de subsistência cultivando os próprios alimentos e bens para a sociedade ali existente. Quanto a sua simbologia, os quilombos se tornaram locais de trocas entre os povos e de agrupamento sociocultural, além de um ícone de resistência.

2. REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE

Representação e representatividade são termos frequentemente utilizados quando se fala de relações raciais. Embora pareçam estar “gastos” de tanto serem usados nas mídias sociais, referi-los é importante se ainda estamos em meio a tempos em que estereótipos e pré-conceitos continuam sendo espalhados, e todos os dias notícias tristes de ataques a grupos minorizados continuam sendo tópico de destaque. Além disso, muitas vezes o privilégio não permite ver que os termos podem estar familiarizados para aqueles que vivem nos meios digitais ou tem conversas sobre o tema, mas que um passo além nos permitiria perceber que contextualizar nunca é demais.

Para falar sobre termos, é interessante recorrer à etimologia das palavras, isto é, sobre a sua origem. A palavra representação vem do latim 'repraesentare’, e significa o processo de expressar visualmente as imagens criadas pelo imaginário humano. Por exemplo, pensar em uma pessoa e desenhar uma pessoa, esse simples ato é a representação de uma pessoa a partir da ótica de quem a desenha. Já representatividade possui a mesma etimologia, já que tanto representar quanto representatividade são derivações de representar.

Assim, embora a ideia de representar algo pareça simples, voltar no tempo e entender os processos coloniais torna o todo o conceito bem mais intenso. Falar de representação e representatividade não é possível sem ligar diretamente ao processo histórico de

colonização. Exemplificando com o próprio histórico colonial brasileiro, em que sempre esteve explícito desde o primeiro relato dos colonizadores nas terras latino-americanas a sua visão sobre as terras e seus habitantes. “Selvagens” e “pudor” são palavras constantemente repetidas nos relatos. Não tardou para que os processos violentos começassem contra os nativos indígenas, sempre justificados pela “falta de alma” desses povos, destituindo-os de sua humanidade. A catequização da população indígena é um claro exemplo de violência cultural, ao demonizar a religião nativa e forçar a inserção do catolicismo no cotidiano.

O colonialismo é fruto de várias noções supremacistas, entre elas, o eurocentrismo, que sugere a Europa e seus povos como o centro do mundo – quando se fala dos povos europeus, neste caso, é somente referindo-se às pessoas que adentram nos padrões eurocêntricos, do contrário, os outros indivíduos também são postos para o lado de fora da narrativa – e torna todas as narrativas como se a visão europeia do mundo fosse a principal, a única aceita e a única circulada. Por isso, os povos nativos e seus costumes são considerados inferiores por estes colonizadores, a ponto de violências sempre aceitas sem qualquer questionamento.

Os processos de colonização e a ótica eurocêntrica são dois conceitos centrais. Neste caso, estão sendo tratados como discursos, ou seja, no sentido do conjunto de ideias. Por um lado, a visão colonialista mostra explicitamente seu olhar do mundo, por exemplo, todo o modo como a sociedade escravocrata se organizava, existindo a céu aberto e espalhando a sua ideologia, que incluía a inferiorização de grupos minorizados. Já visão eurocêntrica normaliza a sua percepção de mundo, de modo que tudo que lhe é aceito, se torna aceito pelo resto do mundo, especialmente por meio de uma violência silenciosa. Pode-se exemplificar, neste caso, a preferência por traços faciais finos nas pessoas, o que na verdade é uma construção social do que é mais branco ser mais aceito. A partir dos discursos colonialistas e eurocêntricos, então, que se constrói a representação de todos os povos, pois a colonização foi tão poderosa com suas armas, que continua seu discurso explícito por meio de um implícito discurso eurocêntrico.

Assim, se a mentalidade já foi colonizada, as imagens mentais terão a mesma inclinação, de serem envoltas de camadas de estereótipos e pré-conceito. Esse discurso foi tão forte e violentamente inserido na mentalidade humana que se normaliza, justamente o seu objetivo. Se é normal, não há por que ser questionado. Por isso, o termo da representação pode ser problemático. Falando dele em si, a representação já difere de pessoa para pessoa e se altera ainda mais com a colonização da percepção humana.

Novamente quanto ao desenho da pessoa. Alunos do IFES (Instituto Federal do Espírito Santo) realizaram um estudo de campo com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental em uma escola estadual no município de Serra, no Espírito Santo. No estudo, foram distribuídas folhas de sulfite e lápis-de-cor para que 110 crianças de 11 a 13 anos realizassem um autorretrato. Ao final, foi observado que grande parte dos alunos utilizaram o lápis salmão, conhecido como “lápis cor-de-pele” para colorir suas peles, mesmo os alunos negros. Assim, concluíram que:

> “Os alunos encontraram dificuldades de se desenhar e principalmente de se colorir. Consciente ou inconscientemente, a utilização do lápis cor de pele se apresentou como uma solução, ainda que a atividade fosse para se retratarem como são. Muitos estudantes acharam feio colorir com lápis marrom e quando não se utilizava o lápis cor de pele, preferia outra cor como o rosa. Ainda que não seja intencional, tais concepções indicam a naturalização de conceitos racistas ao evidenciar um padrão e uma tentativa de se adequar a esse padrão.” (PORTELA, Aline; NETO, Joel; THIENGO, Edmar).

Esse estudo explicita como o discurso eurocêntrico está enraizado, já que as crianças, em sua breve idade, já estão socializadas a entenderem a "cor-de-pele" como universal, ou seja, estão condicionadas a entender os padrões eurocêntricos como o normal. Após muitas discussões étnico-raciais quanto ao lápis cor-de-pele, várias marcas de artigos de papelaria se dispuseram a criar coleções. A Faber Castell, por exemplo, se reuniu com coletivo de artistas negros MOOC para ouvir seus questionamentos quanto à representatividade negra, que começa na fase infantil. Com isso, a marca criou a linha Caras & Cores, uma linha de lápis com 6 cores de peles diferentes, possibilitando a mistura das cores entre si para criação de tonalidades.

> "[...] embora o racismo tenha uma dimensão discursiva, ele não é apenas um discurso: uma arma da polícia não é um discurso, mesmo que os discursos ajudem a impor percepções públicas dos motivos pelos quais tais armas são utilizadas" (SHOHAT, E; STAM, R, p. 50)

O discurso não é apenas a fala, é a violência em si. Por si só, ele já é extremamente perigoso, mas é necessário lembrar que ações não partem do nada. Antes de terem ações, há ideias, há discursos. Durante a passagem do século XIX para o século XX, cerca de 4,4 mil pessoas foram linchadas nos Estados Unidos, em grande parte pessoas negras. No Brasil Colonial, os açoitamentos em praça pública eram punições comuns aos escravizados que desobedeciam às leis escravocratas.

Assim como dito por Adama Dieng (2019), "Temos que lembrar que crimes de ódio são precedidos por discursos de ódio". E de fato, ambas as situações foram resultado de um pensamento de extremo ódio contra a população negra, e da animalização desses corpos.

Chega-se, assim, a uma afirmação de que apenas a representação não basta. Para ir além, um termo utilizado majoritariamente no meio político foi aderido para tratar do assunto com maior profundidade: a representatividade. Na política, a palavra representa a figura de um representante expressando os direitos de um certo grupo, ou seja, sintetiza as necessidades de certo grupo para expressá-las frente ao poder que pode auxiliá-las a conseguir seus direitos.

Enquanto a representação apenas mostra ou representa um fato, pessoa, objeto sem explorar com maior profundidade as subjetividades, e pautando-se principalmente no senso comum; a representatividade vai muito além ao mostrar as faces de uma pessoa pelo que se é visto e transmitido. Apesar de originalmente utilizada na política, a utilização da palavra além dos ambientes políticas é essencial. Mesmo ao se referir a um grupo minoritário, o termo representatividade sempre terá em mente as particularidades das pessoas pertencentes ao grupo em si. Nem todas as pessoas agem e reagem da mesma forma.

Fortalecendo o conceito com um exemplo abstrato, de nada adianta ter uma pessoa negra como protagonista de um livro, se ela está sendo estereotipada e contribuindo para pré-conceitos, isto é, ela precisa ser devidamente representada com as suas particularidades, e por isso que a representatividade se torna tão importante, ainda mais ao falar das mídias.

3. LEGISLAÇÃO E MÍDIA PRETA

Se primeiramente a existência dos quilombos estava atrelada a fuga da escravização, a abolição dela com a Lei Áurea em 1888 não mudou a vida da população, já que a sociedade continuava tão desigual quanto antes. A lei por si só, embora tenha sido a mais evidente legalmente na luta contra a escravatura, não se preocupava com o suposto pós colonialismo, isto é, como que os escravizados lidariam com a vida pós escravização em uma sociedade sem amparo algum.

O direito ao voto é uma das formas de garantir a cidadania. Até o ano de 1934, o voto não era um direito concedido a mulheres, negros, indígenas, pobres e analfabetos, ou seja, as populações minoritárias não eram consideradas cidadãs. Tal impedimento é uma forma de controle social, já que sem o poder de voto e consequente decisão dos líderes da sociedade, essas populações não têm voz para pedir por transformações.

Ainda em 1888, pessoas negras passaram a ter formalmente direito ao voto, porém tal prática foi dificultada por conta do racismo, em especial do racismo científico, que acreditava na inferioridade de algumas etnias em comparação a outras, definindo que pessoas negras não seriam capazes de votar. Além disso, a Lei Saraiva, em 1881, instituía que pessoas analfabetas não poderiam votar. Por conta de a população escravizada ter sido privada do acesso à educação básica, a lei afetava, principalmente, esse grupo. Assim, fica claro a tentativa de impedimento de exercício ao voto da população negra.

Após a abolição, então, os quilombolas passaram a lidar com dois problemas: não ter os seus direitos garantidos como pessoas, e ter de lutar terras quilombolas. Em 1988, a Constituição Federal incluiu o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que dizia: "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos".

No entanto, somente em 2003 houve a regulamentação efetiva das terras, que ficaram encarregadas de vigilância ao Fundação Cultural Palmares e ao Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Conforme o autor Flávio dos Santos Gomes, somente o tempo entre a abolição da escravização em 1888 e a lei de direito as terras em 1988 já mostra a lacuna de proteção aos direitos quilombolas.

No ano de 2022, o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) revogou uma licitação que iria contratar empresas para identificar e delimitar comunidades remanescentes de quilombos. Dos 1.716 processos de regularização registrados do Incra, apenas 267 foram identificados e delimitados. Sem a regularização, não há proteção e os quilombolas não são legalmente donos de seus espaços. Além do espaço físico, a falta de medidas atinge o campo mental.

A subsistência por meio da agricultura familiar é não somente o modo de sustento das famílias quilombolas, mas sua fonte de renda. O Quilombo Marobá dos Teixeira, localizado no município de Almenara, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, é um exemplo disso. No local, mais de 80 famílias vivem por meio da realização de atividades rurais, como o plantio de milho, que depois são vendidos. Como forma de complemento da renda, o Quilombo também exerce atividades artesanais e de extrativismo.

A falta desses espaços para plantio leva famílias a situações de pobreza e fome. Mais do que a fome, os quilombolas teriam de se mudar de seus espaços, e ir para outros locais à margem da sociedade para buscar melhores chances de vida. Tal mudança também levaria a um isolamento social das famílias de sua comunidade, especialmente levando em conta que o senso de coletividade é extremamente importante nessas comunidades.

Seja em âmbito econômico, social ou político, os grupos minorizados não são representados e nem tem seus direitos básicos supridos de forma efetiva pelo Estado, ou seja, há uma predominância de uma classe dominante. O autor Antonio Gramsci

(1891 —1937), criou o conceito de hegemonia cultural para definir essa supremacia imposta por grupos dominante ao resto da sociedade. No quesito midiático, tal hegemonia significa que um seleto grupo de pessoas tem controle do que é postado e divulgado, censurando o que pode abalar o status quo e o tradicionalismo.

Os meios de comunicação de massa representam essa mídia controlada pela classe dominante, como por exemplo, a televisão, e mais especificamente alguns canais, como a Globo. Com sua popularidade, o canal atinge milhões de lares todos os dias, e o que é disseminado por ela é escutado e aceito. Em 1964, a emissora apoiou o golpe militar e transmitiu conteúdos positivos a respeito da ditadura. Embora tenham se retratado pelo erro, o efeito do ato reverberou pelo Brasil na época, disseminando uma perigosa ideologia.

Por conta disso, os povos minoritários, que buscam a transformação da sociedade para maior igualdade, passaram a precisar de outros modos para se representarem que não a mídia massiva, em que não seriam censurados. A mídia contra hegemônica surge, então, como uma ferramenta de disseminação das vozes pouco escutadas, indo contra a ideologia preponderante.

A mídia contra hegemônica, ou mídia alternativa, se refere aos espaços midiáticos construídos em conjunto, em que se pode expressar visões diferentes às dominantes. Estes locais estimulam a indagação quanto ao modo como a sociedade se organiza, explicitando a desigualdade e trazendo formas de pensamento e organização em busca de mudanças. Desse modo, a internet se configura como um excelente espaço para o estabelecimento da mídia alternativa, possuindo um enorme poder de distribuição de conhecimento e construção de conhecimento coletivo.

Um exemplo de mídia contra hegemônica é a agência de jornalismo Alma Preta, formada por comunicadores e profissionais negros. Especializados na temática racial, eles descrevem em seu portal o objetivo de sua existência como: “construir um novo formato de gestão de processos, pessoas e recursos através do jornalismo qualificado e independente”.

Por meio de artigos, entrevistas e até podcasts, o jornal busca trazer à tona temas que nem sempre são abordados pelos veículos de mídia massiva. Por exemplo, em 2022 o veículo realizou uma pesquisa em relação a etnicidade das rainhas de bateria das escolas de samba do Grupo Especial de 2022 do Rio de Janeiro e de São Paulo. Na análise, o jornal concluiu que mulheres brancas eram a maioria entre as rainhas de bateria.

Tal resultado mostra o comprometimento do jornal em trazer notícias relevantes e diferenciadas, especialmente em relação à mídia massiva, colocando grupos minorizados em um local de destaque, sendo como porta-vozes ou tendo suas histórias relatadas.

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO QUILOMBOLA

A partir do conceito de representatividade e de formas de mídia contra hegemônica, foram selecionados dois quilombos com presença na rede social Instagram para análise de conteúdo: o Quilombo do Campinho da Independência (@quilombo_do_campinho) e o Quilombo Mimbó (@quilombomimbo), durante o período de janeiro de 2022 a fevereiro de 2022. Assim como dito, a internet é um ótimo espaço para disseminação de conhecimento. As redes sociais, que existem no ambiente virtual, são utilizadas em grande escala por grupos minorizados pela gratuidade de acesso e possibilidade de grande alcance. No Instagram, os Quilombos compartilham de projetos sociais, rotina, visitação, comércio, subsistência e a denúncia de injustiças.

O Quilombo Mimbó está localizado na zona rural de Amarante, Piauí, a 170km de Teresina.

Sua comunidade é formada por cerca de 600 descendentes quilombolas, todos da mesma família. Na rede social, o perfil @quilombomimbo possui 1.339 seguidores[2]. Durante o período analisado, o Quilombo Mimbó realizou oito postagens em seu Instagram, sendo cinco delas direcionada as novidades quanto aos projetos que estão sendo encaminhados na comunidade.

Um dos projetos está ligado ao Projeto Piauí Conectado (@piauiconectado), o desenvolvido por meio de parceria público-privada através da Agência de Tecnologia da Informação do Piauí (ATI) e da Superintendência de Parcerias e Concessões do Estado (Suparc). O objetivo é tornar o estado mais tecnológica e possibilitar que a internet chegue a todas aos municípios, inclusive nas áreas rurais, onde o Quilombo Mimbó está localizado. No dia 28 de janeiro, o Quilombo publicou uma postagem onde relatava a visita da coordenadora do projeto, que possibilitará maior acesso à internet para as famílias quilombolas. Já no dia 10 de fevereiro, relataram as instalações do projeto, que trouxe cabos de fibra ótica e equipamentos para a comunidade.

O Quilombo do Campinho da Independência está localizado no quilômetro 584 na região da Costa Verde, entre as cidades de Ubatuba (São Paulo) e Paraty (Rio de Janeiro). Na rede social, o perfil @quilombo_do_campinho possui 3.279 seguidores[3]. Durante o período analisado, o Quilombo realizou oito postagens em seu Instagram, sendo três delas sobre o grupo de rap Realidade Negra.

Sobre sua história, o Quilombo foi erguido ao final do século XIX, por três mulheres: Vovó Antonica, Tia Marcelina e Tia Maria Luíza. Somente em 21 de março de 1999, Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, que a comunidade conquistou a garantia de seu território, entregue pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro. Segundo informação publicada em seu blog em 2015, o Quilombo era composto por "150 famílias em 287 hectares de terra organizados em 13 núcleos familiares cercados pela beleza da Mata Atlântica".

> Fundado em 2004 e formado por cinco músicos quilombolas - Neilão, Mano Romero, Body Power, Negro Naldo e B2 - o grupo de rap Realidade Negra aparece em três das oito postagens realizadas pelo Quilombo durante o período. Em postagem no dia 11 de janeiro, foi publicado que o grupo lançaria uma música no dia 21 de janeiro com o nome 5ª. Geração, contando e homenageando a origem do Quilombo do Campinho. Evidenciando que a mídia alternativa busca trazer mais destaque a cultura afro-brasileira, o grupo já foi tema de reportagem da Alma Preta Jornalismo, tendo sido entrevistados sobre sua trajetória.

Para fins de análise, uma postagem de cada Quilombo foi selecionada, a do dia 11 de fevereiro pelo Quilombo Mimbó e a do dia 11 de janeiro pelo Quilombo do Campinho. A postagem do Quilombo Mimbó apresenta um vídeo, contando a história de origem de Quilombo até os dias atuais e possui a legenda "Mimbó, filhos da liberdade". Já a postagem do Quilombo do Campinho traz a notícia do último lançamento musical do grupo de rap 5ª. Geração, e a legenda fala sobre a data e o conceito da música, assim como já apresentado.

[2] Número coletado em Junho, 2022.
[3] Número coletado em Junho, 2022.

Ambos, embora não explicitamente, tratam do mesmo tema nas duas postagens: trazer à tona a história quilombola de alguma forma, seja por meio da mídia audiovisual ou da mídia sonora. Em ambas, o passado escravocrata é abordado ao falar da história de origem dos Quilombos, e mostra que as consequências da colonização reverberam até a contemporaneidade. No vídeo do Mimbó, a narradora entoa a frase "A vida aqui nunca foi fácil", que se assemelha muito ao verso "A vida aqui no campo nunca foi fácil" da música 5ª Geração do grupo Realidade Negra. Ademais, é dito na mídia audiovisual que os quilombolas têm pressa de serem reconhecidos, já que tal reconhecimento leva a conquista dos direitos fundamentais humanos. Se as lacunas legislativas já demonstravam a falta de representatividade quilombola, as frases mostram com clareza que a vida quilombola atravessa diversos obstáculos no dia a dia.

Sobre seu modo de vida e a importância das terras quilombolas para o cultivo, o vídeo do Mimbó diz que tudo é uma luta, e que apenas o trabalho agropecuário sustentava a comunidade, e o Realidade Negra canta que "é o campo que planta para a cidade comer", isto é, nos dois trechos os quilombolas falam de seu modo de subsistência e de sustento das comunidades. Além disso, retoma-se a ideia de que as terras quilombolas são um espaço de agrupamento sociocultural, em que o sentimento de coletividade é o que move o Quilombo.

Em outro trecho, o grupo de rap canta: "Meu povo fez história, mas foi esquecido e como fênix estamos ressurgindo" e "De atenção é o que meu povo está precisando". Em paralelo, no vídeo do Quilombo Mimbó a narração completa "Se não fosse nós mesmos, não tinha nada aqui, não." Nestes trechos, é explícita a crítica a falta de atenção aos povos quilombolas, assim como da representatividade em todas as esferas. O uso das redes sociais se torna essencial para esses povos, que enfim possuem um espaço para usar sua voz e contar ao mundo a história pelo seu ponto de vista, afinal, se não fossem os próprios integrantes das comunidades lutando por seu espaço não haveria mudanças significativas de suas vidas.

6. RESULTADOS

A análise de conteúdo concluiu que há uma semelhança entre linguagem utilizada pelos Quilombos, e como a forma de comunicação procura aproximar as pessoas ao cotidiano quilombola, sempre relembrando sobre o passado.

Além disso, aferiu-se que, de fato, a sociedade não cumpre com os seus projetos de preservação da história e cultura quilombola, sendo o trabalho feito pelas próprias comunidades.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colonização e a escravização continuam reverberando na contemporaneidade, especialmente na vivência de grupos minorizados. A existência dos perfis de Quilombos nas redes sociais mostra como a história quilombola não se resume ao passado, sempre sendo mencionado o que a colonização trouxe de consequência à vida quilombola. Por meio das redes sociais, então, os Quilombos encontram um local para construção de sua história no presente, continuando a reverberar e eternizar a história por meio de ferramentas digitais.

Os espaços midiáticos contra hegemônicos servem como um local poderoso de compartilhamento da história, e assim, de ensinamento. Assim, os Quilombos analisados se apresentam com o uso de suas próprias vozes à sociedade, trazendo a rotina de sua

vivência e de uma comunidade em constante construção coletiva, mostrando que os esses espaços resistem às leis que não agem em favor aos grupos minorizados que neles vivem.

8. FONTES CONSULTADAS

KABENGELE, Munanga. Origem e Histórico do Quilombo na África. Revista USP, São Paulo (28): 56-63, dezembro/fevereiro, 1995/1996. Acesso em: 10 Jan. 2022.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. 2006. Crítica da Imagem Eurocêntrica. São Paulo: CosacNaify, p. 21.

MAKOWIESKY, Sandra. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Nº 57, Dezembro de 2003.

PAIVA, Vitor. Faber Castell cria linha de lápis com 6 tons de peles diferentes. Hypeness. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/08/faber-castell-cria-linha-de-lapis-com6-tons-de-peles-diferentes/>. Acesso em: 12 Jan. 2022.

RÊ, Eduardo; CAMPOS VIDIGAL TAKAHASHI DE SIQUEIRA, Isabela; REIS ROMUALDO, Julia; et al. Os direitos dos quilombolas no Brasil. Politize! Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/direitos-dos-quilombolas-no-brasil/>. Acesso em: 12 Jan. 2022

ALVES, Castro. Domínio Público - Pesquisa Básica. www.dominiopublico.gov.br. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action&co_o bra=1786&co_midia=2>. Acesso em: 10 Mai. 2022.

MORAES, Dênis. O papel e os desafios da comunicação contra hegemônica em rede. Blog da Boitempo. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/02/27/o-papel-e-osdesafios-da-comunicacao-contra-hegemonica-em-rede/>. Acesso em: 29 Abr. 2022.

ANDRADE, Rani. Representatividade: o que isso significa? Politize! Disponível em: <https://www.politize.com.br/representatividade>. Acesso em: 28 Dec. 2021

CELEPAR. quilombolas - Legislação - Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça dos Direitos Humanos. direito.mppr.mp.br. Disponível em: <https://direito.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=29>. Acesso em: 07 Mar. 2022.

GÓES, Laércio Torres. Contra hegemonia e Internet: Gramsci e a Mídia Alternativa dos Movimentos Sociais na Web 1 Laércio Torres de Góes. [s.l.]: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, [s.d.]. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/r0364-1.pdf>. Acesso em: 20 Jun. 2022.

FERRARI, Márcio. A economia dos quilombos. revistapesquisa.fapesp.br. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-economia-dos-quilombos/>. Acesso em: 02 Jun. 2022.

O Projeto. Piauí Conectado. Disponível em: <https://www.piauiconectado.com.br/2020/01/15/o-projeto/>. Acesso em: 04 Abr. 2022.

Série Inclusão: antes excluídos, hoje índios e negros participam ativamente do processo eleitoral. Jusbrasil. Disponível em: <https://tse.jusbrasil.com.br/noticias/100467692/serieinclusao-antes-excluidos-hoje-indios-e-negros-participam-ativamente-do-processo-eleitoral>.